

O índice foi o menor registrado nos últimos 70 anos, em estudo com 31 países, que avaliou o impacto demográfico da pandemia de covid em 2020 e 2021. Mas há boas notícias. Segundo os pesquisadores, vacinação conseguiu reverter essa tendência

# Queda recorde na expectativa de vida

» PALOMA OLIVETO

Desde a Segunda Guerra Mundial, a expectativa de vida no globo não havia sido tão baixa quanto a estimada em 2020, segundo um estudo publicado ontem na revista *Nature Human Behavior*. Com dados de 29 países da Europa, além do Chile e dos Estados Unidos, o artigo reflete a mortalidade causada pela pandemia de covid-19, mas também indica que as intervenções de políticas de saúde, como a vacinação, conseguiram reverter esse índice. Isso porque os déficits começaram a sofrer redução em 2021 em nações com alto índice de imunização.

Tanto os autores quanto especialistas independentes destacam, porém, que a expectativa de vida não é a previsão de quanto tempo um indivíduo viverá. Em vez disso, ela fornece um instantâneo das condições atuais de mortalidade, por isso está totalmente associada à realidade daquele momento.

No caso do estudo, o índice indica a média de idade que uma pessoa nascida em 2020 e 2021 viveria, se a pandemia continuasse a matar tanto quanto naqueles anos. No lugar de apontar uma tendência

demográfica, a expectativa de vida reflete o impacto do Sars-CoV-2 e permite comparar como diferentes países foram afetados. Como não se morreu só de covid-19 no período estudado, outros fatores associados à mortalidade, como doenças crônicas e baixo índice de desenvolvimento humano, precisam ser considerados.

O estudo, do Centro de Ciência Demográfica Leverhulme da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e do Instituto de Pesquisa Demográfica Max Planck, na Alemanha, mostrou que “a covid-19 levou a mudanças globais de mortalidade sem precedentes nos últimos 70 anos”. Os dados fornecidos pelos 31 países indicam que naqueles com proporções mais altas de pessoas totalmente vacinadas, os déficits de expectativa de vida foram menores.

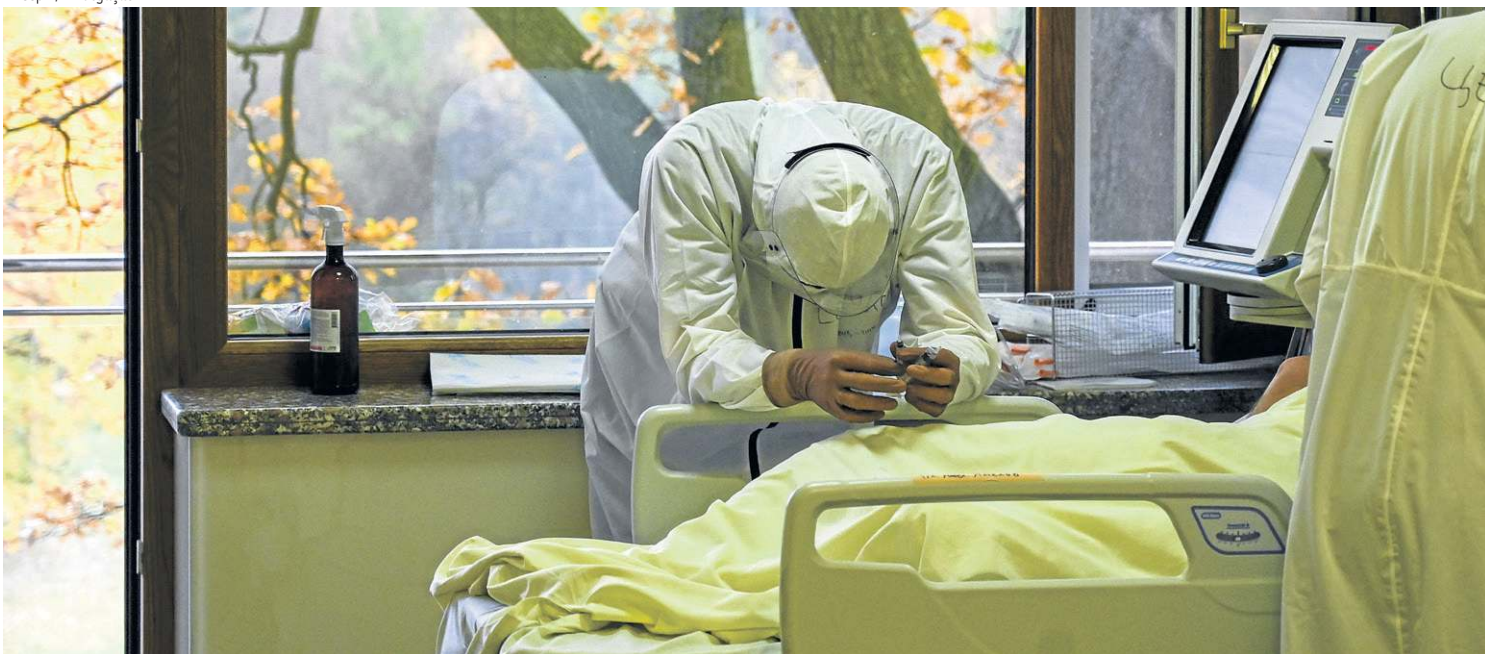
Reprodução do Twitter



**É provável que Brasil e México continuem sofrendo impactos de mortalidade em 2021\***

**José Manuel Aburto,**  
demógrafo do Instituto Max Planck e da Universidade de Oxford

Freepik/Divulgação



Enfermeiro descansa ao lado do paciente em um hospital público de Sofia, na Bulgária, em 2021: maior déficit demográfico da Europa

e Espanha, entre outros). Já nos Estados Unidos, no Chile e no Leste Europeu, a pandemia acentuou perdas que vinham sendo registradas nos períodos pré-coronavírus em pessoas de meia idade. No bloco europeu, “a escala das perdas de expectativa de vida durante a pandemia foi semelhante às vistas pela última vez, na ocasião do desmembramento da ex-União Soviética”.

Segundo o estudo, a discrepância na expectativa de vida entre leste e oeste da Europa foi maior em países que já tinham níveis mais baixos pré-pandemia. Dos estudados, a Bulgária foi o mais atingido, com uma queda de quase 43 meses em dois anos de coronavírus. “Bulgária, Chile, Croácia, República

Tcheca, Estônia, Alemanha, Grécia, Hungria, Lituânia, Polônia e Eslováquia sofreram déficits de expectativa de vida substancialmente mais altos em 2021 em comparação com 2020, indicando um agravamento da carga de mortalidade ao longo da pandemia”, diz o artigo.

## Brasil

Embora o Brasil não tenha entrado nessa análise, um estudo anterior, publicado na revista *Nature Medicine*, em junho do ano passado, apontou um declínio de 1,3 ano em 2020, “nível de mortalidade não visto desde 2014”, de acordo com o artigo, assinado por pesquisadores dos Estados Unidos e da

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre os estados, o mais afetado foi o Amazonas, que perdeu 60,4% das melhorias registradas desde 2000.

Para um dos coautores do estudo divulgado ontem, é possível que o país, assim como o México, continue a sofrer os impactos demográficos da pandemia, por mais tempo. “Em 2020, as perdas na expectativa de vida sofridas no Brasil e no México excederam as experimentadas nos Estados Unidos. Então, é provável que ambos continuem sofrendo impactos de mortalidade em 2021 — mesmo, potencialmente, excedendo os 43 meses que estimamos para a Bulgária”, diz José Manuel Aburto, demógrafo do Instituto Max Planck e da

Universidade de Oxford.

De acordo com Diego Ramiro, do Instituto de Economia, Estatística e Demografia do Conselho de Superior de Investigación Científica da Espanha, nos EUA, “os pesquisadores mostram como a pandemia acentuou as perdas na expectativa de vida que já apareciam em períodos pré-pandemia em pessoas de meia idade”. A interpretação seria a continuação e a piora de uma situação existente. “Em 2020, a maior parte do excesso de mortes não-covid-19 em homens nos EUA foi devido a causas externas (principalmente devido a overdoses de drogas e homicídio), quase 80% das quais ocorreram em idade produtiva”, afirmou Ramiro, em um comunicado.

## Reflexo positivo de estratégias

O estudo publicado ontem na revista *Nature Human Behavior* também mostra que, na Europa, os países com maiores proporções de pessoas totalmente vacinadas sofreram déficits de expectativa de vida menores. Indivíduos com idades mais avançadas, especialmente aqueles acima de 80 anos (que representam a maior parte das mortes em 2020), “se beneficiaram da proteção vacinal e de um declínio

no excesso de mortalidade em 2021”, diz o artigo.

Contudo, também foi detectado que, em algumas localidades, as perdas foram grandes, apesar de altas taxas de vacinação, como ocorreu com os Estados Unidos. “Detalhes mais refinados da priorização de faixas etárias no lançamento das campanhas de vacinas e sobre os tipos de vacinas usadas podem explicar algumas dessas diferenças, bem

como correlações entre aceitação da imunização e cumprimento de intervenções não farmacêuticas, além da capacidade geral do sistema de saúde”, disse, em nota, Jonas Schöley, coautor do estudo e pesquisador do Instituto Max Planck.

Para Kevin McConway, professor de estatística aplicada da The Open University, no Reino Unido, situações como essas, em que a pandemia apenas agravou uma

tendência que já vinha sendo observada, são mais graves que a própria queda na expectativa de vida verificada em 2020 e 2021, já que a crise da covid-19 foi um evento específico. “Espero que as taxas de mortalidade caiam, porque o efeito da covid-19 provavelmente será menor nos próximos anos. Mas é sempre possível, infelizmente, que outra pandemia surja durante a vida das pessoas nascidas agora.” (PO)

Freepik/Divulgação



Nos EUA, a despeito do índice de imunização, déficits não caíram

## TABAGISMO

# Um só cigarro altera cérebro feminino

A dose de nicotina equivalente à encontrada em um único cigarro é suficiente para bloquear a produção do hormônio estrogênio no cérebro das mulheres. Isso pode explicar várias diferenças comportamentais em fumantes do sexo feminino, incluindo por que elas são mais resistentes do que os homens a deixar o tabagismo, segundo um estudo apresentado pela Universidade de Uppsala, na Suécia, no Congresso do Colégio Europeu de Neuropsicofarmacologia (ENCP), realizado na Áustria. O efeito foi demonstrado no tálamo, que faz parte do sistema límbico. Esse circuito está envolvido em respostas emocionais e de comportamento.

“Pela primeira vez, pudemos ver que a nicotina desliga o mecanismo de produção de estrogênio no cérebro das mulheres. Ficamos surpresos ao observar

esse efeito mesmo com uma única dose da substância, mostrando o quão poderosos são os efeitos do tabagismo no cérebro de uma mulher”, disse a principal pesquisadora, Erika Comasco. “Trata-se de um efeito recém-descoberto e ainda é um trabalho preliminar. Ainda não temos certeza de quais são os resultados comportamentais ou cognitivos; só que a nicotina atua nessa área cerebral.”

Os pesquisadores trabalharam com um grupo de 10 voluntárias saudáveis. As mulheres receberam uma dose de nicotina comercialmente disponível por via intranasal, ao mesmo tempo em que foi injetada, como marcador radioativo, uma molécula que se liga à enzima aromatase. Também conhecida como estrogênio sintase, trata-se a enzima responsável pela produção de estrogênio.

## Inibição

Os escaneamentos cerebrais de ressonância magnética e PET scan permitiram que os cientistas visualizassem a quantidade de aromatase e onde ela estava localizada no cérebro. Eles descobriram que uma única dose de nicotina reduz moderadamente a produção da molécula.

Sabe-se há algum tempo que mulheres e homens respondem de forma diferente à nicotina, sendo elas mais resistentes à terapia de reposição de nicotina, apresentando maior tendência a recaídas ao tentar parar de fumar. No entanto, a base biológica para essas diferenças não é compreendida. É a primeira vez que o efeito inibitório na produção de aromatase foi demonstrado em humanos.

“A descoberta nos leva a acreditar que o efeito da nicotina na

produção de estrogênio tem um impacto significativo no cérebro, mas talvez também em outras funções, como o sistema reprodutivo — ainda não sabemos”, afirmou Comasco. “Precisamos, agora, entender se essa ação da nicotina no sistema hormonal está envolvida em alguma das diferenças de comportamento das mulheres em relação ao tabagismo. Claro que este é um grupo comparativamente pequeno. Apesar disso, a mensagem é que a nicotina tem vários efeitos no cérebro, inclusive na produção de hormônios sexuais como o estrogênio.”

Para Wim van den Brink, professor emérito de psiquiatria e dependência do Centro Médico Acadêmico da Universidade de Amsterdã, a descoberta é muito importante, mas ele destaca que mais estudos devem aprofundar o conhecimento sobre as diferenças na ação da nicotina nos

Freepik/Divulgação



Mulheres têm mais dificuldades para largar o vício e propensão a recaídas

cérebros de homens e mulheres. “Deve-se notar que a dependência do tabaco é um distúrbio complexo, com muitos fatores contribuintes. É improvável que o efeito específico da nicotina no

tálamo (e na produção de estrogênio) explique todas as diferenças observadas no desenvolvimento, tratamento e resultados”, afirmou van den Brink, que não participou do estudo.